

O que aprendi com o professor Afonso

What I've learned from professor Afonso

Rosana Galdino*

Afonso era daquelas pessoas que não passava despercebida na vida de ninguém. Pelo menos não na vida dos que reconhecem o valor da gentileza, da leveza do ser, da bondade e da simplicidade.

Tive o imenso prazer de conhecê-lo na Faculdade no último ano do curso de Secretariado Executivo Trilíngue, quando já nos últimos fôlegos não acreditava mais que pudesse sentir algum encantamento por qualquer assunto, tampouco pela disciplina Introdução ao Pensamento Teológico (IPT). No entanto, a partir do momento que aquele moço gentil e sereno entrou na sala, mudou não somente o meu conceito de Teologia, mas de uma vida inteira.

E essa foi a primeira lição que aprendi com o mestre Afonso: conhecer primeiro, sem julgamentos, de nos manter abertos para novidades, sem preconceitos.

A cada aula o encantamento e admiração cresciam. E é preciso dizer que não ocorria somente comigo. Ele havia conquistado todas (nossa turma era só de mulheres). E isso se percebia no silêncio absoluto da sala (o que não era nada comum).

Aos poucos fui entendendo que não era mais a mesma. Que algo havia despertado e que dali para a frente era preciso somente manter vivo, alimentá-lo, realimentá-lo. O que aprendi naquelas aulas nunca mais me deixou. Elas ressoaram, me acordaram, me deixaram conscientes e, de alguma forma, me prepararam para todos os acontecimentos futuros. Era a sede de conhecimento. Mas não o de simplesmente ter mais informações, mas o do saber, aquele que transforma, que nos faz refletir, nos sentir mais vivos, que nos torna mais críticos, livres e melhores.

Com o professor Afonso tive a melhor e mais bela explicação do que é ética. Sua definição jamais me saiu da cabeça. E sempre que me encontro em situações que se fala de ética ou em que ela é colocada à prova, penso: certamente o meu querido mestre discordaria.

Um fato curioso, não só para mim, mas para toda a turma, e que persistiu até o final da disciplina de IPT (para nossa felicidade, tivemos dois semestres de IPT com ele), foi não saber a religião do Afonso. Ele foi tão imparcial nas aulas sobre as diversas religiões que não conseguíamos descobrir a religião dele. Isso, claro, me fez admirá-lo ainda mais. Falava sobre todas com tanto respeito e até com certa admiração. Com isso, me passou ensinamentos valiosíssimos que guardarei

* Rosana Galdino cursou Secretariado Executivo Trilíngue, na PUC-SP, e tem curso de especialização em administração de empresas.

para sempre, como o respeito pela diversidade e o quanto podemos aprender com o outro, com o diferente. Aliás, é quando mais aprendemos.

Finalizamos o curso e lá estava ele, em nosso seletivo grupo de professores, para a comemoração. A essa altura, ele já devia saber o quanto significava para nós. Por trás daquele homem simples, gentil, dócil e de sorriso fácil havia uma imensa sabedoria.

O término do curso, claro, trouxe um alívio e grande alegria. Mas também tristeza pela imensa saudade das aulas do Afonso. Sabia que tinha muito ainda a aprender com ele. E eu queria mais. Muito mais. Em nossas conversas ele quase me convenceu a fazer o mestrado em Ciência da Religião, na PUC. Tenho certeza que iria adorar o curso e que meu mundo se enriqueceria a cada aula dele. E certamente só aceitaria ele como orientador (risos...).

Na verdade, não se tratava de convencer. Não dependia de uma simples escolha minha. A bolsa de estudos a que tinha direito me permitia fazer uma pós-graduação (*lato ou stricto sensu*) somente em áreas correlatas à minha área de trabalho, o que não incluía o curso de Ciência da Religião. Também não poderia fugir muito da minha área de formação, já que não pretendia adentrar no universo da docência. E assim segui no “mundo das obrigações” e de “coisas úteis” à profissão. Mas continuando a sonhar no momento em que me dedicarei a coisas importantes para a alma, para o meu verdadeiro eu.

Fico me perguntando o que mais poderia ter aprendido com o professor Afonso. E se abre um mundo imenso de possibilidades... Perdi a chance, mestre. Eu sei. Mas até com a sua partida me deixou outros e, talvez, mais importantes aprendizados: não desperdiçar oportunidades; não deixar morrer nossos sonhos; não esquecer quem somos e o que queremos. Afinal a vida pode ser muito breve.

Porém, não poderia perder essa chance de dizer o quanto sou profunda e imensamente grata por tudo que você me ensinou. Escrevo esse texto e as lágrimas vêm incontroladamente. Reconheço sua importância na minha vida porque sei que joias raras, como você foi, não se encontram facilmente nos caminhos da vida. Quando a encontramos, é nosso dever aproveitar o máximo que pudermos e também deixar que saibam do nosso apreço por elas.

Todo mundo deve ou merece ter na ponta da língua uma história sobre alguém que fez diferença na sua vida. Alguém por quem temos grande admiração, alguém que foi capaz de nos despertar, de abrir novos horizontes, apresentar novas percepções.

Todos os alunos de toda escola, faculdade, universidade deveriam ter pelo menos uma referência de professor que despertasse a sua curiosidade para o mundo. Pois como disse Rubem Alves, outro grande mestre: “A tarefa do professor é a mesma da cozinheira: antes de dar a faca e queijo ao aluno, provocar a fome”;

“Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu. O educador diz: veja! E, ao falar, aponta. O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. Seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente...”

Acredito que essa é a principal tarefa do educador. E não somente as instituições são responsáveis por ela, mas cada um que se propõe a ser docente. Acho que somente quem tem vocação e amor à profissão deveria ser professor. Assim como foi o mestre Afonso. Um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos. Mas infelizmente não é o que ocorre.

Finalizo com uma frase, também de Rubem Alves, que sintetiza o que você tão bem compreendeu. Para mim e para muitos, você eternamente estará presente em nossa memória e em nosso coração: “Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais”.